

numerosos. O autor reforça o conceito da terceira modernidade e a sua revolução urbana, as quais fizeram emergir novas atitudes diante do futuro, bem como novos projetos, modos de pensar e ações diferenciadas.

Nas palavras de Ascher, a

“[...] terceira revolução urbana já começou faz tempo: em trinta anos, a evolução foi considerável nas práticas dos cidadãos, nas formas das cidades, nos meios, motivos, locais e horários dos deslocamentos, das comunicações e das trocas, nos equipamentos públicos e serviços, na tipologia dos lugares urbanos, as atitudes em relação à natureza e ao patrimônio”. [3]

De maneira resumida, cinco grandes mudanças são destacadas pelo autor: a metapolização, a transformação dos sistemas urbanos de mobilidade, a formação do espaço-tempo individual, a redefinição das relações entre

interesses individuais, coletivos e gerais, e as novas relações de risco.

Rogers [4], por sua vez, comenta que no contexto pós-moderno, o cidadão tem se enclausurado em territórios protegidos e individuais, minando assim, a vitalidade da cidade. Como pondera o autor, o resultado dessa tendência é o declínio da vitalidade de nossos espaços urbanos” [4]. Esse movimento tende a fazer com que os espaços públicos desapareçam e consequentemente perde-se o hábito da vida urbana na rua. Em suas palavras, reforça que,

“[...] desaparece a cidadania – a noção da responsabilidade compartilhada por um ambiente – e a vida na cidade torna-se dividida, com os ricos situados em territórios protegidos e os pobres fechados em guetos ou favelas” [4] (Figura 1).



*Figura 1. Segregação espacial – Paraisópolis e Morumbi na cidade de São Paulo (SP).*

Como alternativa para reverter tal quadro, Rogers destaca a importância da percepção do indivíduo quanto a sua participação na cidade. Para tanto, destaca a relevância do indivíduo na transformação da cidade, o qual deve exigir mudanças fundamentais na prática do poder público, no comércio, na arquitetura, no planejamento urbano e, naturalmente, no próprio comportamento humano. Expõe também que as

novas tecnologias capacitam a sociedade a expandir o uso do recurso humano mais valioso: a imaginação criativa, ou o poder intelectual [4].

Rogers acredita que a cidade deve emancipar e civilizar, e vislumbra no espaço público as chances do amadurecimento social. Como destaca o autor:

“Um espaço público seguro e não excludente, em todas as suas formas desde os grandiosos até os mais íntimos, é fator essencial para a integração e